

“TECELÕES DE HISTÓRIAS”: O CONTAR E O ESCUTAR COMO FORMAS DE SENSIBILIZAÇÃO PARA O TEXTO LITERÁRIO NA INFÂNCIA

“WEAVERS OF STORIES”: TELLING AND LISTENING AS WAYS OF SENSITIZATION TO LITERARY
TEXTS IN CHILDHOOD

Valter Henrique Fritsch

Universidade Federal do Rio Grande
valter.fritsch@gmail.com

RESUMO

O presente artigo faz um breve relato do projeto “Tecelões de Histórias” (2016-2020), explorando seus aspectos formativos e analisando trechos de relatos de participantes. Implementado em escolas urbanas, rurais e em quilombos de São Lourenço do Sul (RS), o projeto destaca-se como uma iniciativa de fomento à contação de histórias, enriquecendo a mediação da leitura na infância. Também é de interesse deste artigo propor uma reflexão acerca do papel da contação de histórias, das questões sociais que estão implicadas nessa prática e da escuta sensível, buscando defender o impacto positivo que o ato de narrar histórias oralmente pode ter no estímulo à leitura na infância e no processo de escolarização da literatura infantil.

Palavras-chave: Contação de Histórias; Mediação de leitura; Literatura e infância; Escolarização da literatura infantil; Formação de contadores de histórias.

ABSTRACT

This paper provides a brief overview of the project “Weavers of Stories” (2016-2020), exploring its formative aspects and analyzing excerpts from participants’ accounts. Implemented in urban and rural schools, as well as in quilombos in São Lourenço do Sul (RS), the project stands out as an initiative to promote storytelling, enriching childhood reading mediation. This article also aims to propose a reflection on the role of storytelling, the social issues involved in this practice, and sensitive listening, seeking to advocate for the positive impact that oral storytelling can have on stimulating childhood reading and the process of introducing children to literature in schools.

Keywords: Storytelling; Reading Mediation; Literature and Childhood; Schooling of Children’s Literature; Training of Storytellers.

A contação de histórias pode ser um ato de libertação, se cada conto e reconto for momento de diálogo aberto e crítico com compromisso e responsabilidade de formação de um ser humano digno, fraterno e justo. Paulo Freire, *A importância do ato de ler*

1. A importância da contação de histórias

A imagem idílica de um grupo de pessoas sentadas em torno de alguém que narra uma história é um arquétipo que está gravado de forma bastante significativa na nossa trajetória, enquanto humanidade, nos espaços que habitamos. Contar histórias é uma prática ancestral que desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento cultural da humanidade ao longo do tempo, sendo uma forma de comunicação, transmissão de conhecimento e expressão artística. Como nos lembra Peter Brooks, em seu livro *Reading for the Plot*, as pessoas têm compartilhado narrativas para transmitir tradições, mitos, valores e experiências que moldam tanto identidades individuais quanto coletivas, desde os tempos mais remotos (BROOKS, 1992). Essa tradição se estende através da história, estabelecendo-se como uma expressão intrínseca à natureza humana, enraizada na necessidade de compreender, interpretar e compartilhar o mundo ao nosso redor.

Na epígrafe que abre este artigo, Paulo Freire tece um delicado comentário sobre o poder da contação de histórias e como esse evento pode se tornar um ato de libertação, que evoca uma compreensão da educação como um instrumento de emancipação. Ao considerar cada ato de contar e recontar uma história como um momento de diálogo aberto e crítico, Freire instiga a pensar na contação não apenas como uma transmissão passiva de narrativas, mas como uma oportunidade ativa de engajamento, reflexão e formação. A ênfase no compromisso e responsabilidade na formação de um ser humano digno, fraterno e justo destaca a potência transformadora da contação de histórias, não apenas como uma prática de mediação da leitura literária, mas como um possível catalisador para o desenvolvimento integral e a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

2. O projeto “Tecelões de Histórias”

Em minha trajetória como docente, acumulei uma experiência de 24 anos em salas de aulas distintas, nas quais tive a oportunidade de lecionar no Ensino Fundamental I e II, no Ensino Médio e no Magistério Superior, em escolas de rede pública e privada. Em todas essas etapas de formação escolar, eu sempre percebi o grande apelo que as histórias podem ter. Algumas vezes, essa percepção surgia de forma intuitiva, outras de forma mais elaborada, a partir de estudos acadêmicos. Hoje, tenho convicção de que as histórias narradas oralmente têm um grande impacto em quem as ouve e podem ser um meio bastante efetivo para transmitir valores culturais, desenvolver a linguagem, estimular a imaginação, promover o pensamento crítico e, acima de tudo, mover para uma escuta sensível e para a apreciação do texto literário.

Essas questões sempre me acompanharam em meu fazer docente e foram elas que fomentaram a criação, no ano de 2016, do projeto de extensão “Tecelões de Histórias”, do Instituto de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), universidade onde leciono há 10 anos, a partir de uma proposta de formação continuada para os professores do município de São Lourenço do Sul em intercâmbio com os licenciandos em formação do curso de Educação do Campo. A proposta contou com oficinas e atividades formativas que visavam instrumentalizar as participantes como mediadoras de leitura literária no espaço escolar no ensino fundamental. O presente artigo narra parte da trajetória

do “Tecelões de Histórias”, buscando entender o seu alcance e importância na mudança de crenças das participantes sobre a prática da contação de histórias e entendendo como o projeto afetou a vida escolar e comunitária do município de São Lourenço do Sul, durante o seu período de vigência. Também é de interesse deste artigo propor uma reflexão acerca do papel da contação de histórias, das questões sociais que estão implicadas nessa prática e da escuta sensível, buscando defender o impacto positivo que o ato de narrar histórias oralmente pode ter no estímulo à leitura na infância e no processo de escolarização da literatura infantil. As reflexões aqui propostas serão embasadas na trajetória do projeto, na avaliação de seus momentos formativos e na análise do impacto dessa formação, a partir de trechos dos relatos de três participantes do processo de formação que oferecemos.

O projeto atuou no município de São Lourenço do Sul entre os anos de 2016 e 2020. Ele surgiu como uma iniciativa comprometida com a formação de mediadores de leitura e contadores de histórias, com o intuito de enriquecer o ambiente educacional, especialmente nas escolas multisseriadas rurais e nas escolas quilombolas¹, além das escolas urbanas de ensino fundamental do município. O projeto buscou capacitar participantes a se tornarem agentes multiplicadores do fomento à leitura, buscando instrumentalizar a todas² com as habilidades necessárias para mediar a literatura infantil de forma mais sensível e eficiente e promover o gosto pela leitura. Ao buscar fornecer conhecimentos teóricos e práticos sólidos sobre a arte de contar histórias na intenção de formar mediadoras competentes, o “Tecelões de Histórias” aspirou não apenas a fomentar o desenvolvimento de habilidades literárias nas crianças, mas também a estimular a expressão criativa e a construção de pontes entre as comunidades rurais, os quilombos e o vasto mundo da literatura.

As escolas rurais e as escolas quilombolas em São Lourenço do Sul, como muitas outras em contextos similares, frequentemente enfrentam desafios significativos no acesso a recursos educacionais, em particular às bibliotecas. A geografia particular dessas comunidades, aliada à infraestrutura limitada, resulta em um acesso restrito às bibliotecas tradicionais, privando os alunos de experiências enriquecedoras de leitura. A carência desses recursos fundamentais pode comprometer o desenvolvimento do letramento literário nas crianças dessas regiões. Diante desse cenário, um projeto de contação de histórias revelou-se muito importante, emergindo como uma alternativa viável para suprir essa lacuna. Ao levar contadores de histórias diretamente às escolas rurais e quilombolas, o projeto não apenas superou as barreiras físicas, mas também abraçou as nuances culturais e contextuais dessas comunidades, promovendo a valorização das narrativas locais. Dessa forma, a iniciativa não apenas atuou como um veículo para o estímulo à leitura, mas também como um agente de inclusão cultural, enriquecendo a experiência educacional das crianças em São Lourenço do Sul.

3. A formação das mediadoras e contadoras de histórias

Em sua primeira etapa, o projeto focou nos aspectos formativos das mediadoras, reunindo um grupo de estudantes dos cursos de Educação do Campo e Pedagogia da FURG associado a um grupo de professoras da rede municipal de São Lourenço do Sul. Nesses encontros, ambos os grupos, professoras experientes e alunas em formação, puderam estabelecer trocas sobre as suas expectativas e experiências com o texto literário e com o uso da literatura infantil em sala de aula. Foi um

1 Muitas das escolas rurais, escolas quilombolas e escolas do campo e/ou escolas multisseriadas de São Lourenço do Sul que participaram do projeto foram fechadas por iniciativa da administração municipal. Mais informações sobre a situação das escolas e as motivações dos fechamentos podem ser encontradas no trabalho da professora GOMES (2018), *Compreensões sobre o processo de desativação das escolas multisseriadas do município de São Lourenço do Sul*.

2 Todas as participantes do projeto, em suas duas etapas, eram mulheres. Assim sendo usaremos sempre o gênero feminino para nos referirmos as participantes.

espaço também para que as professoras e estudantes pudessem (re)pensar suas trajetórias enquanto leitoras de textos literários. A partir de uma provocação realizada por mim em um dos momentos em que ministrava uma das aulas, perguntei a turma se todas consideravam importante desenvolver bons hábitos de leitura, privilegiando a leitura literária. A essa pergunta, a turma respondeu de forma unânime que sim, consideravam muito importante. Então, perguntei quantas delas tinham o hábito de ler livros literários. O silêncio constrangedor e elucidativo fez com que todos percebêssemos que o papel do mediador de leitura não poderia ser resumido às técnicas de abordagem e teorias sobre o fomento à leitura. Era preciso, antes de tudo, ser uma leitora também.

Repensar a nossa trajetória enquanto leitores, também nos levou a repensar a forma como nos organizamos socialmente hoje, na qual a escola acabou por se transformar em protagonista, especialmente nos anos iniciais, da mediação de textos literários, introduzindo às crianças ao mundo da leitura. Contudo, com a escolarização da Literatura Infantil, o educador acabou assumindo a responsabilidade hercúlea de ensinar a ler, mas também de sensibilizar para a apreciação à leitura de textos literários. Uma tarefa que, na maioria das vezes, ele(a) deve cumprir sozinho(a), uma vez que as famílias das crianças, geralmente, também não estão sensíveis a essas questões. Me parece óbvio que para sensibilizar alguém para algo, necessário se faz antes estar sensibilizado para este algo. A realidade da maioria dos docentes que atuam hoje na rede pública de ensino é de uma grande sobrecarga de horas em sala de aula e pouquíssimo tempo para refletir sobre suas práticas pedagógicas, quiçá para pensar em questões de sensibilização para o texto literário. Era imperativo despertar, nas futuras contadoras de histórias, o prazer de ler e ouvir narrativas literárias. Como lembra Cavalcanti,

[...] quando realizamos a leitura ou contamos uma história, o fazemos através de um gesto voluntário de buscar um preenchimento que nos envia um prazer, nos mantendo em sintonia com a descoberta do novo. Sendo assim, o gosto pela leitura é algo que se provoca pelo afeto e o gosto e o prazer são recursos essenciais que devemos buscar para a inclusão do hábito de ler nas escolas alcançando nossos leitores que, por meio dessa prática, se tornaram leitores apaixonados e comprometidos. (CAVALCANTI, 2009, p. 44).

O gosto e o prazer são duas questões que muitas vezes são ignoradas quando buscamos pensar sobre a escolarização da literatura. Pela minha experiência, atesto que toda a prática pedagógica que queira despertar para a sensibilização à literatura sem pensar nessas questões está fadada ao fracasso. Só aprendemos aquilo pelo qual estamos apaixonados, como bem nos lembra o psicólogo humanista Carl Rogers (1978). Com os avanços nos estudos da psicologia da educação, é urgente que tais questões sejam debatidas. Em seu livro *Como o Prazer Funciona*, o psicólogo canadense Paul Bloom destaca a importância do prazer no ato da leitura como um elemento fundamental para o engajamento e a compreensão profunda. A experiência prazerosa ao ler não apenas torna o ato mais agradável, mas também desempenha um papel crucial na formação de conexões emocionais e intelectuais com o conteúdo (BLOOM, 2021).

Diante de todas essas questões, o projeto “Tecelões de Histórias”, acabou por abarcar também a tarefa de realizar com as futuras mediadoras, aquilo que se esperava que fizessem em suas experiências de mediação – sensibilizar para a arte e para uma escuta sensível. Oferecemos, então, uma experiência que buscou dar conta dos diversos aspectos da arte de contar histórias que poderiam auxiliar nessa sensibilização, desde técnicas de narração e expressão oral, criação de materiais, jogos teatrais, manipulação de materiais e fantoches até a compreensão do papel do mediador de leitura no contexto escolar, com foco especial nas escolas rurais, quilombolas e urbanas de São Lourenço

do Sul. Essa experiência, permitiu a construção de um ambiente colaborativo, onde o conhecimento teórico se entrelaçava com a prática, fortalecendo as habilidades de comunicação e a capacidade de adaptação das futuras contadoras de histórias.

Durante os encontros de formação que foram oferecidos às participantes, um conceito que foi amplamente debatido e que depois encontrou eco nos estudos de Cecília Bajour foi o ato de escutar histórias de maneira sensível e a possibilidade de desenvolver essa habilidade em si mesmo, antes de promovê-la entre crianças e jovens leitores. Cecília Bajour é uma renomada pensadora na área da educação e do ensino de literatura que destaca a importância da escuta no processo de aprendizagem literária. Para a educadora, a escuta transcende a mera recepção passiva de palavras; ela é um ato ativo de envolvimento com as narrativas, permitindo a imersão em diferentes mundos e perspectivas. (BAJOUR, 2012). Para a autora,

Essa concepção dialógica da escuta faz parte de todo o ato de leitura em que se busca abrir significados e expandi-los de modo cooperativo. Entretanto, interessa-me particularmente examinar o que se dá com a escuta quando a leitura se relaciona com a literatura e outras artes. Na leitura de textos artísticos, as perguntas, a instabilidade e o caráter provisório das respostas, a possibilidade de criar e recriar mundos a partir do que foi lido, o estranhamento em face do conhecido e do desconhecido se entrelaçam mais do que em outras formas de discursos, com o jogo sempre aberto das formas. A linguagem estética se oferece a leitores que se acomodam e se incomodam diante de modos alternativos, diversificados e por vezes transgressores de nomear o mundo. (BAJOUR, 2012, p.25)

A possibilidade de criar e recriar mundos a partir de uma perspectiva dialógica com o texto, que se realiza através de uma escuta sensível, mostra o potencial que a contação de histórias pode ter no ambiente escolar. Eu costumo dizer que o momento da contação de histórias abre uma espécie de fenda na sala de aula, criando um lugar que é a escola, mas não é mais a escola, e que se for aproveitado de uma maneira estratégica, pode ser um agente transformador para todos que participam desta prática. A contação de histórias acontece em um entre-lugar imagético que permite que audiência e contador sejam transportados para diferentes espaços, através da escuta sensível. Para Bajour, a oralidade não é apenas uma ferramenta de transmissão de conhecimento, mas uma manifestação rica e intrínseca à experiência humana, capaz de criar laços emocionais profundos entre o narrador, a história e os ouvintes.

Para essas reflexões que foram despertadas durante o processo de formação das contadoras de histórias, também foi importante o debate acerca das ideias da educadora e escritora colombiana Yolanda Reyes que, em seu livro *A Casa Imaginária*, destaca a importância central da oralidade no ensino de literatura para crianças, ressaltando a potência da palavra falada como veículo privilegiado para a construção do universo literário na infância. Reyes argumenta que a oralidade não apenas transmite histórias, mas também encarna emoções, entonações e nuances que enriquecem a experiência narrativa. A autora destaca o ouvir como um componente fundamental nesse processo, enfatizando que a apreciação da literatura começa com a atenção cuidadosa à palavra falada (REYS, 2016). Ao priorizar a sensibilização por meio da escuta, Yolanda Reyes propõe uma abordagem que vai além da simples decodificação de palavras, visando criar uma atmosfera de imersão sensorial, onde as crianças são guiadas pela musicalidade da linguagem e pelas nuances expressivas do narrador. Segundo Reyes,

A literatura – e é importante frisar que não se trata apenas da que se mostra nos livros, mas da que circula na memória coletiva – é uma fonte de nutrição a que a criança recorre em busca de ferramentas mentais e simbólicas para organizar o fluxo dos acontecimentos e situar-se e revelar-se e decifrar-se, também ela, na cadeia temporal instaurada na linguagem. (REYES, 2016, p. 63)

Como podemos perceber, há um destaque no pensamento de Reyes para o poder transformador da literatura e como ela pode ser uma ponte para a imaginação e uma fomentadora do pensamento criativo, auxiliando, inclusive, na construção da identidade do leitor/ouvinte. A oralidade, segundo Reyes, permite que as crianças acessem de forma mais íntima e envolvente as nuances das histórias, desenvolvendo uma relação afetiva com a linguagem e construindo significados mais profundos. Dessa maneira, a proposta da educadora e escritora colombiana destaca que a sensibilização através da escuta não apenas enriquece a experiência literária, mas também contribui para a formação de leitores críticos e emocionalmente envolvidos desde a mais tenra idade, promovendo uma apreciação duradoura e significativa da literatura.

Durante o período do curso de formação para as novas contadoras de histórias, foi também de fundamental importância pensar nos sujeitos leitores/ouvintes que participariam das atividades propostas pelo projeto. Quem seria a nossa audiência? De que regiões da cidade eles viriam? Para quais lugares nós nos deslocaríamos e como se organizavam essas diferentes realidades? Para essas reflexões é importante que se conheça um pouco mais das características da população de São Lourenço do Sul. O município destaca-se pelas diferenças históricas de sua população, tendo a colonização pomerana de forma bastante evidente em suas tradições, língua, culinária e arquitetura. A influência pomerana coexiste, nem sempre de forma harmoniosa, com a presença de quilombos nos arredores do município, revelando uma heterogeneidade marcante na composição étnica e cultural. Essa convivência de diferentes grupos enriquece São Lourenço do Sul com uma tapeçaria social bastante singular, onde tradições pomeranas dialogam com a rica herança afro-brasileira dos quilombos. Nesse cenário, a diversidade é não apenas um traço demográfico, mas uma força vital que contribui para a identidade multifacetada do município e que ofereceu um desafio a mais para os mediadores.

Neste momento, somou-se aos estudos e debates do grupo o livro *Os Jovens e a Leitura* de Michèle Petit, antropóloga francesa que se dedica a estudos acerca da leitura e da mediação literária. Refletir sobre a contação de histórias através de uma perspectiva profundamente enraizada na interseção entre espaço, identidade e a prática da leitura foi bastante relevante para entendermos as situações que foram surgindo no segundo momento de implementação do projeto, quando as contadoras já estavam atuando nas escolas. No pensamento de Petit, a compreensão minuciosa dos espaços nos quais a mediação literária é empreendida é uma condição *sine qua non* para uma prática autêntica e impactante (PETIT, 2009). Petit argumenta que o mediador literário deve imergir-se nos espaços culturais específicos, compreendendo a comunidade e os códigos simbólicos que moldam as experiências de leitura. Essa imersão possibilita uma abordagem sensível e adaptável, reconhecendo as nuances das comunidades atendidas, de modo a proporcionar uma mediação verdadeiramente enraizada nos contextos locais.

No entanto, é imperativo ressaltar que, para Michèle Petit, a compreensão do espaço não deve ser conduzida por uma visão determinista. A autora, contrariando abordagens simplistas baseadas em determinismos sociais, ressalta a importância de privilegiar a história pessoal de cada leitor. Para o nosso grupo em formação, esse foi um momento também de levar em consideração a trajetória pessoal de cada uma enquanto leitoras e como essa jornada foi influenciada de forma positiva ou negativa pelas questões sociais e culturais que as cercavam. Petit destaca que, apesar das influências sociais, é na singularidade das histórias individuais que reside a verdadeira riqueza da experiência literária (PETIT, 2009). Em nosso grupo, conseguimos constatar que a leitura surgiu para cada uma das participantes de um modo bastante singular e único, que foi influenciada pelas questões da comunidade em que estavam inseridas, mas que também extrapolavam tais questões. Ao reconhecerem suas tra-

jetórias únicas como leitoras, o papel que desempenhariam como mediadoras de textos literários foi adquirindo um significado mais potente e afetivo para as participantes do projeto, permitindo que elas se vissem refletidas nas suas próprias narrativas, nas narrativas das colegas e na própria literatura, e encontrassem significado nas histórias que permeiam seus próprios contextos. Petit ainda ressalta que,

Para mim é muito importante, desde antes desta pesquisa sobre a leitura, não dissociar o “social” dos “seres particulares e inteligentes” que o compõem. Meu itinerário intelectual e pessoal tinha sido profundamente marcado pelo meu encontro com a psicanálise. Aprendi que, embora os determinismos sociais e familiares pesem muito, cada destino é também uma história particular, constituída de uma memória e de suas lacunas, de acontecimentos, de encontros, de movimento. Cada um de nós não está apenas ligado a um grupo, um espaço ou um lugar na ordem social, do qual propagamos os traços, gostos, maneiras de fazer e pensar característicos de sua classe ou de seu grupo étnico. Ele, ou ela, se constrói de maneira singular e tenta criar, com as armas que possui, com maior ou menor êxito, um espaço em que encontre o seu lugar; trata de elaborar uma relação com o mundo, com os outros, que dê sentido a sua vida. (PETIT, 2009, p.52)

4. Os relatos das contadoras de histórias

Uma vez encerrado o curso de formação, foi o momento de organizar, com as participantes do projeto, a nossa atuação nas escolas rurais, quilombolas e urbanas de São Lourenço do Sul. Dois grupos distintos foram organizados. O primeiro deles foi composto por quatro bolsistas, alunas dos cursos de Educação do Campo e Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande, que atuariam de maneira mais direta no projeto, a partir de reuniões semanais com o orientador para preparação de materiais e histórias, para que pudessem atuar em escolas multisseriadas da zona rural e nas escolas quilombolas do município. O segundo grupo foi composto pelas educadoras que participaram da formação, com as quais me reuni mensalmente, durante o período do projeto, para que pudessem narrar suas experiências em mediação a partir das novas práticas propostas pelo “Tecendo de Histórias”.

Ambas as experiências, com os grupos distintos, foram bastante enriquecedoras, especialmente a partir dos relatos trazidos pelas participantes. Foi estabelecido que cada participante registraria suas práticas de contação e mediação em um “Diário de Bordo”, no qual constariam desde a preparação até o ato da contação de história em si. Muitos foram os relatos e, devido ao escopo de páginas permitido em um artigo, seria impossível trazer todos. Trarei, a título de ilustração, três trechos de relatos, que julgo, podem favorecer uma reflexão sobre a sensibilização da leitura literária através da escuta sensível na infância e problematizam alguns dos conflitos que podem surgir no momento da contação de histórias, a partir de diferentes pontos de vista das participantes. Todos os nomes das participantes foram alterados para preservação de suas identidades de acordo com as regras que regem a ética em pesquisa com seres humanos.

O primeiro relato é de Beatriz (36 anos), professora há doze anos na rede municipal de São Lourenço, atuando no ensino fundamental em escolas da região urbana, especialmente em turmas de segundo ano. Em seu diário de bordo, Beatriz relata a experiência de mediar a leitura literária de uma forma diferente da qual estava habituada e quais efeitos ela julga que suas novas práticas geraram em seus alunos.

Foi uma mudança muito grande, muito grande mesmo. Eu lembro que eu sempre gostei de levar livrinhos e ler histórias para eles e eles até gostavam das histórias. Mas nem sempre gostavam. Na verdade, eu pegava um livro qualquer que eu tinha em casa, ou pegava um livro na biblioteca da escola e nem preparava nada. Só me sentava e lia para eles, principalmente quando chovia e eles ficavam muito agitados. Depois do curso eu mudei todas as práticas da minha sala. Mudei tudo mesmo. Criei um cantinho da leitura na sala, cheio de livros que eu tinha e revistas em quadrinhos e deixei para eles pegarem na hora que quisessem, se tivessem terminado as tarefas. Foi muito legal ver que eles queriam terminar logo as tarefas que eu passava para pegarem um livro ou gibi da pilha. A leitura virou uma recompensa para eles. Virou para mim também. Eu comecei a perguntar mais que histórias eles gostavam de ouvir. Algumas eu conhecia, outras não. Daí fui atrás das que eu não conhecia e acabei conhecendo um monte de histórias novas. Agora a gente tem hora do conto duas vezes por semana pelo menos. É a parte preferida da aula para eles e para mim também. (BEATRIZ, Diário de Bordo, 2017)

A fala da professora Beatriz revela uma mudança de perspectiva significativa em relação à contação de histórias, destacando a importância dessa transformação para o seu trabalho pedagógico. Antes da sua experiência de formação no projeto, Beatriz reconhece que sua abordagem à contação de histórias era mais casual e pouco preparada. No entanto, após participar do curso, ela implementou mudanças substanciais em suas práticas, evidenciando um impacto positivo tanto em sua dinâmica de sala de aula quanto na relação dos alunos com a leitura.

A criação do “cantinho da leitura” na sala de aula, repleto de livros e revistas em quadrinhos acessíveis aos alunos, demonstra como Beatriz internalizou a importância da preparação e do ambiente propício à leitura. Essa mudança reflete uma maior sensibilidade às necessidades e interesses das crianças, pois proporciona a elas a autonomia para escolherem suas leituras. O fato de os alunos buscarem os livros como uma recompensa sugere que a leitura se tornou uma atividade prazerosa e desejada, impactando positivamente a motivação e o envolvimento dos estudantes com o ato de ler.

A introdução da “hora do conto” duas vezes por semana revela a incorporação bem-sucedida da contação de histórias como uma parte integrante da rotina da sala de aula. Esse componente tornou-se não apenas uma atividade regular, mas também a parte preferida tanto para os alunos quanto para a professora. Isso reflete uma mudança na percepção da contação de histórias como mais do que uma mera transmissão de informações, transformando-se em um momento especial de compartilhamento e imaginação. Beatriz parece ter construído com sucesso o entre-lugar que a contação de histórias pode criar, ao que parece, graças a sua mudança de perspectiva em relação à essa prática, após um período de formação em que pôde pensar em sua própria trajetória como leitora.

Portanto, a mudança de perspectiva da professora Beatriz sobre a contação de histórias não apenas melhorou suas práticas de sala de aula, mas parece também ter influenciado positivamente a relação dos alunos com a leitura. A criação de um ambiente propício à exploração literária, aliada ao reconhecimento da importância da preparação e da escuta sensível, destaca como a conscientização e a ação reflexiva de Beatriz impactaram diretamente na qualidade da experiência de leitura literária de seus alunos.

O segundo relato é de Gabriela (44 anos), aluna do quinto semestre do curso de Pedagogia, bolsista do projeto “Tecelões de Histórias”. Gabriela, assim como suas demais colegas de grupo, ficou responsável por participar da caravana do projeto que levava histórias para as escolas multisseriadas da zona rural e para os quilombos de São Lourenço do Sul.

É incrível como a mesma história pode ser tão diferente dependendo do lugar que tu conta. É bem aquilo que conversamos nas aulas, como o lugar recebe as histórias de um jeito diferente. As crianças da colônia e as crianças do quilombo amam ouvir as histórias, mas é diferente. Sei lá. Nem sei explicar. Quando eu li *Menina Bonita do Laço de Fita*, da Ana Maria Machado no Quilombo Coxilha Negra, foi uma sensação. Tinha que ver os olhinhos delas brilhando. Na colônia era diferente, eles davam risadas em partes que eu não daria uma risada. Fiquei pensando se era racismo, porque não tinha nenhum aluno negro na colônia, mas também não sei se é isso. Eles são tão pequenos. É o diferente, né? O diferente dá estranhamento. Mas daí eu perguntei do que vocês estão rindo? E eles me disseram que é porque o coelho falava que ela era pretinha, pretinha. E eles achavam engraçado. Fiquei meio sem saber o que fazer. (GABRIELA, Diário de Bordo, 2017)

Um importante esteio das discussões formativas com o grupo de bolsistas do projeto, nas reuniões quinzenais que tínhamos, foi o livro *Liberdade para Aprender* de Carl Rogers. As ideias humanistas de educação de Carl Rogers, notadamente expressas na abordagem centrada no aluno, enfatizam a importância de reconhecer a singularidade de cada indivíduo no contexto escolar. Para Rogers, a compreensão da alteridade é intrínseca ao processo educacional, pois destaca a necessidade de aceitar, valorizar e respeitar as experiências, perspectivas e identidades dos estudantes. A abordagem de Rogers à educação enfatiza a empatia, a aceitação incondicional, o momento da aprendizagem como um encontro que traz afetos e a autenticidade por parte dos educadores, criando um ambiente propício para que os alunos se expressem livremente e se sintam compreendidos (ROGERS, 1978).

A fala da contadora de histórias Gabriela, ao abordar a influência do contexto e da audiência na recepção das histórias, ressoa com as ideias de Rogers e Petit sobre a importância da escuta afetiva e da consideração da alteridade no ato de educação. Gabriela reconhece a dinâmica única que cada localidade imprime no momento da contação de histórias, mesmo quando o texto literário abordado é o mesmo, destacando a sensibilidade necessária para compreender e se adaptar a essas nuances.

A noção de como as alteridades influenciam na sensibilização ao texto literário, conforme apresentada por Petit, torna-se evidente quando Gabriela expressa como as crianças da colônia e do quilombo reagem de maneira distinta às mesmas histórias. A contadora, ao perceber as nuances nas reações dos diferentes públicos, revela uma capacidade de escuta que vai além do simples ato de falar, envolvendo uma compreensão empática das particularidades culturais e emocionais de cada contexto. As questões de alteridade, presentes na fala de Gabriela, ganham destaque quando ela se depara com a interpretação divergente da história *Menina Bonita do Laço de Fita* nas duas comunidades. A contadora se vê diante do desafio de compreender as diferentes percepções e reações das crianças, levando-a a questionar a possível influência do racismo. A atitude reflexiva de Gabriela, apesar de sua aparente insegurança com a situação apresentada, revela uma sensibilidade para lidar com questões de diferença e estranhamento, características centrais na consideração da alteridade no processo educacional.

A noção de encontro, fundamental nas ideias humanistas de Rogers, surge na narrativa de Gabriela quando ela descreve a reação das crianças da colônia. A experiência revela que, mesmo em um contexto de aparente homogeneidade, o encontro educacional é enriquecido pela diversidade de perspectivas. Ao questionar os motivos das risadas, Gabriela manifesta uma atitude rogeriana, incentivando a expressão individual e o diálogo aberto para compreender as percepções das crianças. Em resumo, a fala de Gabriela ilustra a complexidade da contação de histórias em diferentes contextos, destacando a necessidade de uma escuta sensível, a consideração da alteridade e a compreensão do encontro como elementos essenciais para que essa prática seja bem-sucedida.

O terceiro e último relato é de Sheila (26 anos), alfabetizadora de escolas da rede municipal urbana. Sheila apresentou algumas dificuldades em conseguir engajar os pais a participarem do projeto que ela havia elaborado na escola em que lecionava, a partir das ideias propostas pelo “Tecelões de Histórias”.

Foi bem difícil convencer os pais a participarem. Não é nem falta de interesse é falta de tempo mesmo, eu acho. Como a escola fica numa comunidade ribeirinha, o pessoal vive da pesca, a maioria. Muitas mães fazem faxina ou trabalham no comércio. Não consegui reunir os pais do jeito que eu queria para o meu projeto, o “Família Leitora”. Para mim era importante que toda a família entendesse o que a gente estava fazendo na escola. Mas não deu, né. Uma vez até deu, foi numa festa da escola. Eu ensaiei com as crianças uma história que contamos juntos para os pais. Eles gostaram muito e os pais também. Mas foi só aquela vez. Então eu fui fazendo o que era possível com quem ia aparecendo. Trocas de livros, doações de livros que as pessoas vão se desfazendo. Eu peguei tudo que achava que poderia usar. Com as crianças foi mais fácil, porque eles já gostavam de ouvir histórias. Acho que o curso me ajudou a fazer a “hora do conto” ficar mais significativa para eles e para mim. (SHEILA, Diário de Bordo, 2017)

A fala da professora Sheila evidencia os desafios que ela enfrentou ao tentar envolver os pais na prática da contação de histórias, revelando uma preocupação legítima em estender a experiência educacional para além das fronteiras da sala de aula.

Petit, ao destacar a importância de compreender os espaços onde a mediação literária ocorre, sugere que a eficácia da prática educacional está profundamente relacionada ao contexto social e cultural (PETIT, 2009). No caso de Sheila, a comunidade ribeirinha, cuja principal atividade é a pesca, impõe desafios específicos, como a falta de tempo dos pais devido às ocupações relacionadas a essa atividade. A educadora teve de considerar essas realidades para adaptar as práticas educativas de maneira significativa.

A adaptação da “hora do conto” e a promoção de trocas e doações de livros indicam uma tentativa de criar conexões acessíveis à comunidade. Sheila, ao criar o projeto “Família Leitora” e ensaiar uma história com as crianças para apresentar aos pais em uma festa, buscou estabelecer um diálogo entre a escola e a comunidade, promovendo a conscientização sobre a importância da leitura no desenvolvimento educacional das crianças.

Essas reflexões apontam para a complexidade de envolver a comunidade de pais no ato da contação de histórias, destacando a necessidade de abordagens sensíveis, adaptativas e dialógicas, fundamentadas nas realidades locais. O esforço de Sheila em superar esses desafios, mesmo que de forma gradual e adaptativa, representa uma tentativa valiosa de estender os benefícios da contação de histórias para além das paredes da escola.

Ao realizarmos essa breve reflexão sobre esses pequenos trechos dos relatos das três contadoras de histórias, podemos perceber que o momento de formação que foi proporcionado a elas foi muito importante para que pudessem encontrar estratégias para as novas práticas que implementaram, a partir de uma nova crença sobre o ato de contar histórias. A prática da contação de histórias, como fica evidente nas falas das professoras Beatriz e Sheila, vai além de um mero veículo de transmissão de conhecimento; ela se torna uma ponte emocional entre o educador, a narrativa e os ouvintes, especialmente em contextos como os delas, onde a adaptação das práticas de contação foi essencial para engajar os alunos. A experiência da bolsista Gabriela amplifica essa importância ao revelar como diferentes comunidades, como a colônia e o quilombo, responderam de maneiras distintas às histórias, evidenciando a sensibilidade necessária ao empregar a oralidade como ferramenta de mediação do texto literário para as crianças.

5. Conclusão ou Lições Aprendidas com o Projeto “Tecelões de Histórias”

O nosso projeto, que iniciou de forma bastante despretensiosa, se revelou como um empreendimento singular e transformador para parte da comunidade escolar lourenciana, desdobrando-se em duas etapas distintas que se entrelaçam para colocar em xeque as crenças das participantes, sobre o ato da mediação da leitura literária para crianças, por meio da contação de histórias. Inicialmente, a etapa de formação, marcada por cursos e reflexões aprofundadas, proporcionou uma base teórica e prática sólida, enraizada nas oficinas sobre a arte de contar histórias aliadas às contribuições de autores como Michèle Petit, Yolanda Reyes, Cecília Bajour e Carl Rogers. Esse embasamento teórico não apenas nos nutriu de bases mais sólidas para a prática da contação de histórias dentro de uma perspectiva humanista e sensível à diversidade, mas também incitou uma análise crítica das práticas pedagógicas preexistentes. Por fim, a etapa de ações práticas nos espaços educativos, como a «hora do conto», funcionou como o ápice do projeto, mostrando, a cada novo encontro do grupo, que uma mudança de perspectiva significativa havia ocorrido. As participantes, ao implementarem práticas inovadoras e observarem a resposta positiva das crianças, experimentaram uma validação concreta das novas crenças adquiridas.

A riqueza de relatos das contadoras de histórias que participaram ativamente do projeto poderia certamente abrir espaço para muitas outras reflexões acerca da escolarização da Literatura Infantil, do enfoque na escuta sensível e do papel do contar e do escutar na sensibilização para o texto literário. Possuímos um precioso registro de experiências e relatos, aprendizados e reflexões que ampliaram as nossas fronteiras sobre a prática da contação de histórias. Cada narrativa dos “Diários de Bordo” foi um fio singular na tapeçaria desse projeto, contribuindo com nuances culturais, desafios individuais e sucessos inspiradores. O escopo deste artigo, no entanto, permitiu apenas um breve comentário de apenas três trechos desses relatos. A escolha não foi arbitrária, mas sim fundamentada nos tópicos de análise que esses relatos geraram, revelando camadas profundas de questões e reflexões sobre a contação de histórias no contexto educacional. Cada contadora de histórias trouxe à tona aspectos específicos que demandam uma consideração cuidadosa, desde a adaptação necessária das práticas em ambientes distintos até a complexidade de envolver as comunidades locais. Ao focar nesses três relatos, destacamos que há uma riqueza inesgotável de perspectivas e desafios a serem explorados, indicando que a prática da contação de histórias é permeada por uma rede intrincada de elementos a serem compreendidos e desenvolvidos. Essa seleção específica destaca a amplitude e a profundidade das questões que permeiam essa prática, sugerindo que, para uma compreensão completa, há um vasto terreno de investigação que se desdobra à medida que consideramos as histórias de cada mediadora participante.

O êxito do “Tecelões de Histórias” ultrapassou o seu objetivo inicial, que era o de oferecer uma proposta de educação continuada para a comunidade lourenciana, através de ações de extensão da universidade, para fomentar o incentivo à leitura literária. O projeto acabou servindo como fonte de pesquisa, gerando um TCC e uma dissertação de mestrado e acabou culminando na criação de um “Núcleo permanente de formação de mediadores de leitura e contadores de histórias” na Universidade Federal do Rio Grande, no campus de São Lourenço do Sul, a partir deste ano de 2024. Em seu desfecho, o projeto emerge não apenas como uma iniciativa singular de contação de histórias, mas como um tributo à essência da mediação da leitura na infância. Ao proporcionar às crianças em escolas rurais, urbanas e nos quilombos de São Lourenço do Sul o acesso a narrativas literárias, diversas e envolventes, este projeto não apenas contribuiu na formação reflexiva de mediadores de leitura e contadores de histórias, como também reforçou o direito inalienável que todas as crianças devem ter a uma experiência literária enriquecedora.

A análise dos dados apresentados neste texto demonstra a eficácia do projeto “Tecelões de Histórias” em promover a formação de mediadores de leitura sensíveis à diversidade e capazes de implementar práticas inovadoras de mediação literária. A riqueza dos relatos das participantes evidencia a complexidade inerente à prática da contação de histórias e a necessidade de uma abordagem que considere as nuances culturais e as especificidades contextuais. Embora o presente estudo tenha se limitado à análise de um conjunto selecionado de relatos, os resultados obtidos apontam para a necessidade de futuras pesquisas que investiguem a fundo as questões levantadas, especialmente no que diz respeito à formação contínua e à avaliação do impacto dessas práticas na formação de leitores críticos e autônomos. Esta análise conclui-se aqui, apontando para a necessidade de investigação adicional e a riqueza de reflexões que os dados do projeto “Tecelões de Histórias” ainda podem fornecer.

Referências

- BAJOUR, Cecília. *Ouvir nas entrelinhas*: O valor da escuta nas práticas de leitura. 1ª ed. São Paulo, Pulo do Gato, 2012.
- BLOOM, Paul. *Como o prazer funciona*: Por que gostamos do que gostamos. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Best-Seller, 2021.
- BROOKS, Peter. *Reading for the plot*: Design and Intention in Narrative. 1ª ed. Massachusetts: Harvard University Press, 1992.
- CAVALCANTI, Joana. *Caminhos da literatura infantil e juvenil*: dinâmicas e vivências na ação pedagógica. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2009.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. 51ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2017.
- GOMES, Janine Corrêa. *Compreensões sobre o processo de desativação das escolas multisseriadas do município de São Lourenço do Sul*. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso – Educação do Campo. Universidade Federal do Rio Grande, São Lourenço do Sul.
- MACHADO, Ana Maria. *Menina Bonita do Laço de Fita*. 9ª ed. Porto Alegre: Editora Ática, 2019.
- PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura*: Uma nova perspectiva. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2009.
- REYES, Yolanda. *A Casa Imaginária*: Leitura e literatura na primeira infância. 1ª ed. São Paulo: Global Editora, 2016.
- ROGERS, Carl R. *Liberdade para Aprender*. 4 ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1978.

Recebido em: 30/01/2024

Aceito em: 11/11/2024